

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA**

DÉFICITS NO PROCESSO DE ESCRITA: UMA CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

AMANDA PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORA Prof.^a Dr.^a GEOVANI SOARES DE ASSIS

**JOÃO PESSOA – PB
2016**

AMANDA PEREIRA DA SILVA

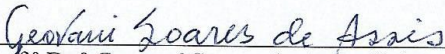
DÉFICITS NO PROCESSO DE ESCRITA: UMA CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

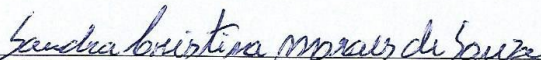
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis

Aprovado em: 07 / 11 / 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a Ms.^a Sandra Cristina Moraes de Souza (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

S586d Silva, Amanda Pereira da.

Déficits no processo de escrita: uma contribuição psicopedagógica / Amanda Pereira da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2016.

29f.

Orientadora: Geovani Soares de Assis

Artigo (graduação em Psicopedagogia) – UFPB/CE

1. Déficits de escrita. 2. Ensino fundamental. 3. Psicopedagogia Clínica. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU:37.013.77(043.2)

DÉFICITS NO PROCESSO DE ESCRITA: UMA CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Resumo: O presente trabalho trata-se de um estudo de caso desenvolvido no Centro de atendimento psicopedagógico-Clínica/Escola, localizado na Universidade Federal da Paraíba, Campus I, com uma criança do sexo feminino, 10 anos, no 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública, que apresenta déficit no processo de escrita. O estudo tem o intuito de observar qual a contribuição que o profissional de Psicopedagogia oferece no tratamento clínico, assim também trazer contribuições significativas para futuros trabalhos envolvendo casos semelhantes. A pesquisa foi desenvolvida em dois períodos de estágios clínicos oferecido pelo curso de graduação em Psicopedagogia nesta instituição de Ensino Superior, neste trabalho apresentamos avaliações, intervenções e observações desenvolvidas no percurso dos atendimentos com a educanda, como também as análises de dados obtidas para cada instrumento no intuito de uma melhor compreensão do caso.

Palavras-chave: Déficits de Escrita. Ensino Fundamental. Psicopedagogia Clínica. Contribuição Psicopedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A escrita está presente na vida do ser humano e segue um padrão dentro da comunidade em que vive, é uma forma que criamos para expressão, comunicação, socialização e aprendizagem. Na fase inicial da alfabetização a criança vai aprender a ler e escrever os códigos inseridos em sua cultura.

Pode-se dizer que a linguagem escrita não está ligada a uma herança biológica, pois trata-se de uma criação da sociedade, ela é cultural, diferentemente da linguagem oral que possui raízes filogenéticas permitindo ser adquirida pelo convívio social, como afirma Zorzi (2003).

As crianças e adolescentes que possuem uma dificuldade na leitura e escrita e não são acompanhados de uma maneira apropriada para desempenhar a aprendizagem, apresentarão nos períodos escolares seguintes um desempenho baixo na construção de novos conhecimentos ligados intimamente a leitura e escrita.

Escrever pode parecer simples à primeira vista quando apresenta semelhanças com a fala, aprendida naturalmente dentro de uma comunidade, sem que seja preciso, para isso, um ensino sistemático. Mas são muitos os dialetos, sotaques e “variações de vocabulário” (semântica) que circulam em uma mesma língua e, justamente por isso, a comunicação escrita pode ficar prejudicada quando foge “do padrão”. (COSTA, 2013, p. 141).

A atuação psicopedagógica clínica deve estar embasada na teoria e, também, compreender o indivíduo em sua totalidade, assim é possível realizar uma avaliação completa e traçar um plano de intervenção eficiente que irá amenizar os déficits apresentados pelo aprendente. Assim, questionamos: qual a contribuição que o psicopedagogo poderá oferecer aos indivíduos que apresentam déficits na escrita? Para verificar se o profissional de Psicopedagogia oferece

contribuições nesses casos, foi desenvolvido um estudo de caso no Centro de Atendimento Psicopedagógico da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, campus de João Pessoa/PB, no transcurso de um ano de duração, compreendendo dois períodos letivos de estágio clínico.

O objetivo deste estudo é investigar quais contribuições o psicopedagogo poderá oferecer no tocante ao déficit de escrita. Para que isso ocorra, se fez necessário avaliar as dificuldades apresentadas pela aprendente no processo de escrita, propor atividades psicopedagógicas para amenizar os déficits evidenciados e comparar os resultados obtidos em relação às dificuldades detectadas no processo avaliativo.

O estudo foi desenvolvido com uma estudante do sexo feminino, com idade de 10 anos, cursando o 6º ano do ensino fundamental da rede pública, da cidade de João Pessoa. A mesma está em atendimento desde o segundo semestre do ano de 2015.

Este trabalho possui contribuições importantes dos estudos de autores como, Zorzi (2003), Capovilla (2010), Sampaio (2010), Ferreiro (1995; 1999), Teberosky (1999), Sánchez (2008), entre outros.

A temática em foco despertou o interesse em função da acentuada demanda evidenciada no Centro de Atendimento Psicopedagógico da Universidade Federal da Paraíba relacionada a grande procura por atendimentos clínicos referentes as dificuldades de leitura e escrita. Dessa feita, entende-se que o estudo de caso em foco poderá trazer significativa contribuição para a prática profissional do psicopedagogo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escrita foi desenvolvida pela humanidade como uma necessidade de fazer registros inseridos em uma cultura e é através dela que também podemos estabelecer relações e interações sociais, à partir disso Ferreiro (1995) afirma que a linguagem escrita não deve ser considerada um produto escolar, pois trata-se de um objeto cultural de cada sociedade. Para a criança a escrita aparece como um instrumento dotado de propriedades específicas que contêm grandes significados para as relações sociais.

Considera-se que a criança só é apresentada a leitura e escrita quando entra no ambiente escolar, mas essa não é a realidade, pois, antes disso, ela está constantemente em contato com esses dois elementos. Ela já reconhece alguns códigos linguísticos desde cedo, a exemplo de histórias infantis, cantigas, logomarcas, entre outros, que identifica ao ver e já compreende o que representam.

Ao entrar na escola, a criança estará iniciando nesse momento uma nova fase na construção de novas aprendizagens, agora mediadas por um professor com atividades preestabelecidas e direcionadas, conhecimentos formais que são considerados necessários socialmente.

No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, lei nº 12.801, assegura que ao 3º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica Pública, estudantes com até 8 anos serão alfabetizados, porém a realidade das escolas públicas no Brasil é diferente, pode-se notar dentro do ambiente escolar após esse período descrito pela lei em que crianças e adolescentes avançam as séries com graves dificuldades em ler e escrever e por vezes são taxados como preguiçosos, desatentos, hiperativos e imaturos por não conseguirem acompanhar as aulas. As dificuldades de leitura e escrita não são apresentadas apenas na disciplina Português na escola, pois a aquisição desses conhecimentos afeta todas as demais matérias formais escolares, que dependem da compreensão textual, elaboração lógica, sequenciação textual, leitura fluente e escrita correta.

Depositar a culpa aos estudantes pela não-aprendizagem não é um caminho certo, pois não deve-se ignorar todos os fatores que podem estar influenciando tais dificuldades como a família, o ambiente social, a metodologia do professor, os fatores orgânicos e psicológicos.

Ler e escrever se torna muito mais complexo que falar, é necessário compreender os códigos, ter domínio sobre a escrita, conhecer as diversas funções que a escrita nos permite e ser interpretada dentro de cada cultura. Ter fluidez na leitura e conhecer todos os aspectos que envolvem a escrita demanda um tempo considerável e etapas a serem seguidas.

Ferreiro (1999) descreve cinco níveis do processo da escrita na alfabetização: no primeiro nível a ortografia se assemelha muito entre si, porém a criança encontra diferença nos compostos de linhas curvas, pois realmente houve essa intenção. No segundo nível as formas gráficas são limitadas, porém a ortografia mais definida, ou seja, mais próximas das letras, se expressam por meio das variações de posição na ordem linear, em pleno período pré-operatório, que consiste em uma aquisição cognitiva representativa. Terceiro nível consiste na tentativa de inserir um valor sonoro em cada letra que compõem a palavra escrita, nesse momento a criança percebe a escrita como representação das partes sonoras da fala. O quarto nível faz com que a criança abandone a fase silábica para a fase alfabética. E, por último, o quinto nível a criança já compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros e realizam uma análise sistemática da sonoridade dos fonemas das palavras que vai escrever, porém, não quer dizer que todas as dificuldades relacionadas e os conflitos tenham sido totalmente eliminados.

Zorzi (2003, p. 28-30) também descreve algumas dessas etapas, a começar falando sobre o conhecimento fonológico como “[...] a capacidade de o sujeito poder pensar sobre a linguagem e operar com ela seus distintos níveis: textual, pragmático, semântico, sintático e fonológico.[...]”. Podemos considerar quatro níveis segundo o autor, que partem do conhecimento fonológico para a

aquisição da escrita, são eles, a sensibilidade à rima é considerada como uma fase inicial, a criança descobre que as palavras apresentam os mesmos sons no início e final, então implica dizer que ela consegue detectar estruturas sonoras iguais em várias palavras diferentes. O conhecimento silábico é a aptidão para segmentar e operar as estruturas das sílabas nas palavras, ter conhecimento sobre a existência das sílabas o que sugere conhecer o processo de divisão da palavra. O terceiro nível é o conhecimento intra-silábico “[...] se considera que as sílabas podem ser subdivididas em elementos que são menores do que ela mesma e maiores do que um fonema.[...]” e o último nível é o conhecimento segmental que compreende cada palavra constituída por várias unidades sonoras (fonemas).

Morais, Silva e Melo (2007) enfatizam que, a língua portuguesa possui regras que são avaliadas constantemente e, por vezes, não é levado em consideração à qualidade em aspectos de aproximação que uma criança oferece ao escrever considerando ser o correto.

A maneira considerada correta de escrever sofre constantes modificações ao decorrer do tempo conforme a necessidade. Antes não era considerado as aproximações da ortografia correta ou o indivíduo escrevia certo ou não, hoje pode-se perceber que existe uma valorização da produção da criança, de como elas formulam suas hipóteses como parte do desenvolvimento da sua aprendizagem.

Ao se apropriar da ortografia da linguagem portuguesa pode-se destacar algumas dificuldades frequentes relacionada a essa aquisição, como Zorzi (2003, p.38) informa de acordo com sua pesquisa:

[...] os erros classificados como representações múltiplas são os mais frequentes. Em seguida, aparecem as alterações causadas por apoio na oralidade. Em terceiro lugar, as omissões de letras. Em quarto lugar, os erros por junção ou separação incorreta das palavras. Na sequência, em quinto lugar, estão os erros por confusão entre “am” e “ão” . Em sexto lugar, vêm as generalizações. Em sétimo lugar, surgem as trocas surdas/sonoras. As alterações por acréscimo de letras ocupam o oitavo lugar. A nona posição fica ocupada pelas confusões entre letras parecidas e, finalmente, as inversões correspondem à décima posição.

Quando se fala em erros por representações múltiplas considera-se a utilização de uma mesma letra para escrever diferentes sons, como é o caso da letra X que pode ter o som da letra S na palavra “expectativa” ou ter o som da letra Z em “executar” e, assim, em vários outros exemplos. Ao falar dos erros com o apoio na oralidade, compreende-se que, para as crianças não é simples entender que a escrita não está de acordo com a pronúncia em muitos os casos, por exemplo, ao escrever “mininu” ao invés de “menino” ou escrever “tambeim” no lugar de “também”. As omissões ocorrem porque ainda não houve uma maturidade da capacidade de detectar todos os sons pertencentes a uma palavra, exemplo: célula - celular. Os erros de junção ou separação incorreta das palavras implica dizer que não há uma noção inicial para tal processo. Esses quatro primeiros erros

encontrados na fase de aquisição da escrita são os mais complexos e presentes nesse período, os demais se apresentam em uma porcentagem menor, de acordo com Zorzi (2003).

A apropriação do sistema ortográfico ocorre com o tempo, de maneira progressiva. Algumas etapas exigem mais tempo que outras, ou seja, exigem uma dedicação maior para a sua aquisição. As dificuldades que ocorrem nesse processo precisam ser compreendidas em suas peculiaridades, para que ocorra uma intervenção ao se perceber que passou do tempo de adquirir a fase.

Os erros fazem parte do aprendizado das crianças, são suas próprias hipóteses do que elas consideram correto e que gradativamente vão sendo superadas à medida que elas amadurecem a ideia e se familiarizam com a escrita da ortografia correta. O tempo que cada indivíduo leva para superar uma dificuldade de escrita pode variar, porém é preciso estar atento para que elas não permaneçam com dificuldades sem conseguir ultrapassar alguma etapa, o que também não é considerado ideal.

Quando as dificuldades estão evidenciadas nas trocas surdas/sonoras, geralmente estão relacionadas a fala e somente um profissional qualificado para trabalhar essas questões. Em que, provavelmente, será trabalhado para a superação dessa dificuldade a detecção e a diferenciação dos fonemas surdos e sonoros na própria fala do indivíduo, para que só depois seja evidenciado na escrita.

Ao se tratar das dificuldades relacionadas às substituições de letras em razão das várias possibilidades de representações múltiplas, em que uma letra pode assumir sons diferentes dentro de diversas palavras, o que gera conflito ao escrever. Zorzi (2003, p.70) afirma, “O fato de haver mais do que uma letra podendo representar um determinado som pode gerar situações de erro não consciente ou, inversamente, situações de conflitos.”. Um grande desafio para a superação dessa etapa é o reconhecimento de que uma letra pode estabelecer um diferente som, que por sua vez, seria representado por outra e essa compreensão pode demorar, de acordo com cada um.

Quando uma criança escreve uma palavra que acabou de ler de maneira incorreta, pode-se perceber que a representação do significado que a palavra representa é mais evidente do que a própria estrutura da palavra, há uma formação de hipótese para a criança, que acaba construindo suas próprias regras e estratégias de como ela lê e escreve determinada palavra.

Para auxiliar as crianças a superar essa dificuldade é necessário trabalhar com objetivo de inibir esses processos automatizados que o sujeito já estabeleceu, criando assim, condições para que elas possam compreender outra forma de escrever, segundo Zorzi (2003).

A criança ao omitir as letras acredita que uma sílaba com mais do que um som pode ser escrita com apenas uma letra, exemplo: pgar – pegar, para trabalhar com ela essas questões, é

necessário segmentar as palavras para que assim detectem todos os sons que as compõem, entre outras estratégias que Zorzi (2003) apresenta em sua obra.

Quando os erros estão assimilados a oralidade o estudante escreve da maneira como pronuncia, a melhor forma para trabalhar é fazer com que ele compreenda que a escrita não está intimamente ligada a fala. É importante que ele reconheça os padrões visuais da escrita e ceder aos padrões da oralidade (ZORZI, 2003).

A junção e separação indevida das palavras ocorre muitas vezes porque há influências na oralidade, a sonoridade contínua faz com que a criança escreva as palavras juntas ou separadas de forma incorreta, ou seja, da maneira que ela percebe e considera correto. Nesse momento é preciso levá-la a compreender essa variação de categorias das palavras, por exemplo, substantivos, verbos e adjetivos e fazê-la identificar em uma sentença (ZORZI, 2003).

A confusão frente ao AM *versus* ÃO, nesses casos é preciso desenvolver estratégias para a diferenciação das sílabas tônicas das palavras, as oxítonas serão terminadas em ÃO, exemplo “gostarão” e as paroxítonas usamos AM, exemplo “gostaram”, a noção que deve ser trabalhada é a sílaba tônica que é a qual recai a maior intensidade ao falar uma palavra, Zorzi (2003).

A ação psicopedagógica no atendimento clínico deve está pautada por uma base teórica, porém só a prática concretizará esses conceitos e fará que o profissional analise de forma coerente o que realmente é possível e a sua maneira de trabalhar. É necessário perceber cada educando como um ser único e não tratá-lo igual aos que possuem as mesmas dificuldades, transtornos e deficiências, pois a maneira que ele irá desenvolver suas habilidades é diferente.

A avaliação psicopedagógica deve ser feita de maneira que o profissional consiga compreender o sujeito em sua totalidade, observando-o em todos os ambientes em que está inserido, como também suas habilidades e capacidades, não focando apenas em suas dificuldades.

Colomer, Masot e Navarro (2008, p. 15) apresentam a seguinte concepção:

[...] entendemos que a avaliação psicopedagógica deve nos permitir dispor de informações relevantes não apenas em relação às dificuldades apresentadas por um determinado aluno ou grupo de alunos, por um professor ou alguns pais, mas também às capacidades e potencialidades. Desse modo, não falamos de deficiências nem de dificuldades, mas sim de necessidades educativas dos alunos que, necessariamente, devem ser traduzidas em situações passíveis de melhora e na concretização de auxílio e suporte. Na mesma linha, consideramos que a interação estabelecida pelos diferentes contextos (sala de aula, família, meio social mais amplo) determina tanto suas competências e habilidades quanto a definição do auxílio que necessita.

Traçar um plano de avaliação considerando todos os aspectos que envolvem o indivíduo é de extrema importância, como também verificar se a demanda realmente está de acordo com o caso para a formulação de uma hipótese diagnóstica e traçar um plano interventivo que não pode ser

estático. O plano de intervenção traçado neste estudo segue alguns instrumentos conceituados por uma determinada base teórica, que serão apresentados no decorrer do texto.

No atendimento clínico um dos primeiros momentos que deve ser realizado com os responsáveis ou com a pessoa em atendimento é a entrevista contratual, que por sua vez é um contrato, em que serão coletados alguns breves dados pessoais, como também conhecer a queixa apresentada pelos mesmos, com esse documento é possível também estipular regras, a exemplo dos horários, das sessões e em se tratando de clínica particular abordar sobre os honorários.

Sampaio (2010) ressalta que a Entrevista Contratual seguindo uma linha Epistemologia Convergente por Visca, não tem o interesse de coletar dados históricos da criança, pois será realizado em outro momento com a entrevista nomeada *Anamnese* (entrevista estruturada de resgate da história do sujeito em atendimento), isso ocorre pelo motivo de se acreditar que ao coletar dados referentes ao histórico pode, de certa forma, contaminar o olhar do psicopedagogo em relação ao diagnóstico, assim para quem segue essa linha teórica a *Anamnese* só é feita no final da avaliação.

A maneira que o profissional de Psicopedagogia irá trabalhar dentro da clínica é muito pessoal e a ordem em que ele usará os instrumentos disponíveis depende da sua necessidade e olhar diante das circunstâncias, porém é interessante que o mesmo conheça as diferentes linhas que baseiam a forma de trabalhar para que seja adaptado ao seu favor. Para este estudo, a *Anamnese* foi realizada no início, porém a coleta de dados é algo constante porque as informações não fornecidas no momento da entrevista podem aparecer no decorrer de todo o processo, como também outras podem ser desconsideradas por não serem verdadeiras.

Há profissionais que decidem utilizar outra entrevista chamada Entrevista Familiar Exploratória Situacional (EFES), em que os responsáveis se sentem mais à vontade para falar livremente sem os questionamentos preestabelecidos na *Anamnese* que contempla cada etapa da vida do paciente.

É necessário que, quem esteja respondendo as questões da entrevista se sinta à vontade para ser o mais franco possível em suas respostas. É importante também observar o não dito, ou seja, as expressões que cada um apresenta ao ser questionado, pode trazer dados interessantes nesse processo, exemplo nervosismo e /ou tristeza, e o profissional deve estar preparado para as respostas que podem trazer estranheza, como afirma Sampaio (2010).

Após essas primeiras sessões alguns profissionais optam em fazer a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), que é a primeira atividade realizada apenas com a criança que tem por objetivo “[...] investigar os vínculos que ela possui com os objetos e os conteúdos da aprendizagem escolar, observar suas defesas, condutas evitativas e como enfrenta novos desafios. Visa perceber o que a criança sabe fazer e aprendeu a fazer.” (SAMPAIO, 2010, p. 35).

Para este estudo, diferente da EOCA, foi utilizado uma entrevista avaliativa intitulada “O que eu gosto?”, desenvolvida pela pesquisadora com o intuito de conhecer os gostos da estudante, como também de interagir com a mesma por meio da conversa e analisar a escrita através das respostas dos questionamentos do instrumento. Para o trabalho psicopedagógico é importante conhecer o aprendente com quem se está desenvolvendo o trabalho, para, através desses conhecimentos, fazer do atendimento um momento em que não haja estresse para a criança e utilizar essas informações para desenvolver atividades interventivas que a agradem. Assim, estabelecer uma boa relação entre profissional e pessoa em atendimento, sempre valorizando suas capacidades e potencialidades.

A partir disso podemos citar o Humanismo, “[...] o estudo da consciência, da pessoa como dotada de valores e capacidades de autocrescimento e autonomia.” (NUNES; SILVEIRA, 2009, p. 43). Não se pode considerar o indivíduo apenas por suas dificuldades, mas levar em consideração todo o seu potencial para levá-lo a superá-las.

Outro instrumento que pode ser utilizado pelo psicopedagogo é o desenho, pois este pode fornecer informações valiosas nos aspectos da expressão da inteligência e da afetividade da criança. O desenho dirigido, com o intuito de ter conhecimento de algo específico, disponibiliza dados que em uma conversa não seria possível coletar, como ressalta Corman (1979).

As atividades e/ou testes avaliativos usados para compreender quais são as dificuldades, deficiências e transtornos dos casos podem ser os validados e também construídos pelo profissional de acordo com a necessidade de cada um, não é um processo rígido no qual há um manual em que devemos seguir rigorosamente para cada caso, existem algumas sugestões para esse processo, mas, como já foi dito, isso depende de cada profissional.

Um dos testes validados para analisar os estágios de alfabetização é o Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (TCLPP), que tem por objetivo analisar três estágios distintos na alfabetização, o primeiro é o estágio logográfico, o segundo alfabético e o terceiro ortográfico. Com esse instrumento pode-se analisar as possíveis dificuldades e o período aquisitivo em relação a tais competências, sempre evidenciando a idade e ano escolar da criança, proposto por Capovilla e Seabra (2010).

Outro instrumento criado pela pesquisadora para a avaliação, foi construído levando em consideração um interesse relatado pela aprendente em uma das sessões em que ela diz gostar do livro “Diário de um banana” do autor Jeff Kinney, sabendo disso, foi retirada do livro uma passagem em que houve uma troca referentes a grafia correta de algumas palavras para observar se a educanda podia identificá-las e escrevê-las de maneira correta, no mesmo instrumento utilizou-se também alguns questionamentos referentes ao texto para analisar a compreensão textual e, por fim, um ditado com palavras em que nota-se frequentes trocas ao escrever por causa da pronúncia.

Sampaio (2010) diz que o profissional deve saber quando tem informações suficientes para ter um diagnóstico ou hipótese diagnóstica, esse processo de investigação normalmente conta com uma equipe de profissionais para a precisão do mesmo. A devolução psicopedagógica é um momento esperado pelos envolvidos, pois neste momento será revelado o que tem impedido a aprendizagem do indivíduo. É preciso ser claro e objetivo nas informações fornecidas aos responsáveis e ao principal interessado nesse resultado, o sujeito em atendimento.

Um instrumento muito utilizado pelo psicopedagogo é o Diário de bordo, que consiste em um caderno em que são feitas anotações das sessões, tais como registros, reflexões, acertos e erros ocorrido no percurso dos atendimentos para ajudar a lembrar todos os aspectos que por exemplo auxiliam a escrever um relatório.

A atividade de intervenção desenvolvida pelo profissional com o aprendente após o processo avaliativo deve levar em consideração o que já foi observado, como também fazer com que o indivíduo construa novos conhecimentos a partir da sua capacidade, não evidenciar a cada instante as dificuldades apresentadas pelo mesmo, mas fazer com que sejam amenizadas ou até mesmo superadas. Nesse novo processo é importante envolver a família, a escola e o social para apresentar avanços em todos os âmbitos.

Apresentar atividades que são interessantes à criança é importante, pois não levam a exaustam e/ou desinteresse, fazer com que esse processo seja mais leve, pois sabe-se que elas já sofreram estímulos negativos, rigorosos, doloridos que evidenciam suas incapacidades, a cobrança se torna um empecilho nesse processo. Uma prática que ajuda nesse processo é o jogo e a brincadeira, tanto para as atividades interventivas como para aliviar o raciocínio de uma atividade que exigiu um certo esforço.

Para as dificuldades em escrita relacionadas as substituições de letras em razão da possibilidade de representações múltiplas, que já foi descrita acima, em que o sujeito ainda não tem a compreensão que uma letra dentro de uma palavra pode assumir outros sons, que faz com que a criança escreva de forma incorreta, até mesmo de uma forma ingênua de entender que é o certo.

[...] Dessa forma, encontramos uma escrita que poderíamos até mesmo denominar de “ingênua”, na medida em que se caracteriza por uma não-compreensão da complexidade das relações entre letras e sons. A resultante é uma escrita “confiante”, sem conflitos, e que pode até mesmo funcionar adequadamente no caso de palavras com as quais há familiaridade. Entretanto, no caso de palavras pouco familiares ou novas, que não fazem parte do repertório usual, surge uma tendência de privilegiar uma ou outra letra, como se houvesse uma relação de estabilidade permanente. (ZORZI, 2003, p. 73)

Um instrumento que pode ser utilizado na intervenção é a demonstração das regras ortográficas, para que o indivíduo possa ter consciência dessas possibilidades na escrita, ter familiaridade com esse saber. Como também, ter a consciência das diferentes possibilidades de sons

de um mesmo fonema quando segue as regras da escrita, a exemplo, do S que pode ter o som de Z em determinadas palavras, de acordo, com determinada regra. Assim afirma Zorzi (2003, p.74), “[...] Todavia, vemos que falta uma compreensão mais clara das relações, principalmente em termos das variações contextuais, ou seja, o entendimento de que certas letras, no caso as vogais, podem mudar o valor sonoro de outras, que são consideradas consoantes”.

Para Zorzi (2003) ao trabalhar essas questões é preciso criar uma habilidade em detectar as várias relações das letras e os sons que elas podem representar, refletir sobre a estrutura das palavras, montar estratégias com semelhanças morfológicas ou de derivações de palavras, a criança pode fixar palavras a partir da memorização visual, mesmo que a palavra não seja familiar ou usual para mesma, mas possibilita que ela gere um conflito ao buscar a forma correta, por meio das estratégias que ela dispõe.

Fazer exercícios de fixação gerando uma desconstrução do que a criança tem para si como correto, deixando claro que algumas palavras que elas insistem em escrever incorretamente podem ser escritas de maneira diferente, possibilitando que ao escrevê-las novamente gere dúvidas em relação a sua grafia, podendo assim gerar um desequilíbrio na forma preestabelecidas por elas em sua memória, permitindo assim, uma nova estabilização do conhecimento, Zorzi (2003, p. 147).

O incentivo a leitura é um aliado para trabalhar a escrita, pois a criança está em constante contato com a grafia correta das palavras, assim, trazer a leitura para o atendimento psicopedagógico de uma maneira em que a educanda se identifique é de grande valia para aumentar o seu léxico de palavras.

3 METODOLOGIA

3.1 Delineamento:

A pesquisa foi delineada como estudo de caso mediado pela observação, avaliação e intervenção psicopedagógica, buscando compreender quais contribuições o psicopedagogo pode oferecer aos casos relacionados ao déficit na escrita. O estudo de caso pode ser compreendido como uma pesquisa mais detalhada, pois se limita a uma ou poucas unidades, como por exemplo, a uma pessoa.

3.2 Participante e local da pesquisa:

O estudo ocorreu no Centro de Atendimento Psicopedagógico da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, campus de João Pessoa/PB, com uma criança do sexo feminino de 10 anos, que

está no 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública. Encaminhada por uma professora de Português do 5º ano, com a queixa de dificuldades na leitura e escrita, a mesma está em atendimento desde o período letivo 2015.1 da Universidade, no qual foram desenvolvidas atividades avaliativas.

3.3 Instrumentos:

Para o estudo de caso utilizou-se os seguintes instrumentos:

- **Anamnese:** É uma entrevista estruturada realizada com os pais ou responsáveis do aprendente e tem por objetivo resgatar a história de vida do indivíduo e coletar informações relevantes sobre o desenvolvimento geral do sujeito (SAMPAIO, 2010). A entrevista pode ser modificada de acordo com a necessidade do profissional, a estrutura utilizada contém 16 tópicos abordados: Dados de identificação; Vive com que?; Genetograma; Antecedentes pessoais, como concepção e gestação; Alimentação; Sono; Desenvolvimento psicomotor; Desenvolvimento da linguagem; Sexualidade; Vida escolar; Socialização; Vida afetiva; Acidentes; Doenças; Déficit de atenção e hiperatividade --- desatenção, hiperatividade, impulsividade --- e Antecedentes familiares.
- **Entrevista contratual:** Um contrato realizado com os pais ou responsáveis do indivíduo, o objetivo é colher dados pessoais e ouvir a queixa que os mesmos trazem em relação ao problema que o sujeito vem apresentando, consiste também no enquadramento dos horários, frequência, etc. (SAMPAIO, 2010).
- **O que eu gosto? (entrevista):** É uma atividade que objetiva conhecer os gostos da estudante, como também de interagir com a mesma por meio da conversa e analisar a sua escrita através de suas respostas para os questionamentos realizados na entrevista. Essa atividade está estruturada em um pequeno roteiro com cinco tópicos, que possui uma imagem para cada um deles e duas perguntas, são eles:
 - 1ª Imagem - Escola, perguntas: O que eu gosto na escola? / O que eu menos gosto na escola?;
 - 2ª Imagem - Brincadeira, perguntas: Do que eu mais gosto de brincar? / Do que eu menos gosto de brincar?;
 - 3ª Imagem - Comida, perguntas: Qual comida eu mais gosto? / Qual comida eu menos gosto?;
 - 4ª Imagem – Estudo, perguntas: O que eu mais gosto de estudar? / O que eu menos gosto de estudar?;

- 5ª Imagem – Casa, perguntas: O que eu mais gosto de fazer em casa? / O que eu menos gosto de fazer em casa?; e,
- 6ª Imagem – Atendimento, perguntas: Do que eu mais gosto no atendimento? / Do que eu menos gosto no atendimento?
- **Desenho: “Meu momento especial”:** Tem por objetivos proporcionar um momento de interação com a criança, como também conhecer através do seu desenho o registro de um momento que ela considera especial, podendo ser no passado ou presente e, por fim é possível analisar sua elaboração textual após o relato da história, tanto verbalmente, como na escrita.
- **Atividade avaliativa:** Em uma folha “Almaço” a atividade é compreendida em um pequeno texto com algumas palavras escritas incorretamente para que ela reconheça, retire do texto e escreva da maneira correta, em seguida há três questões relacionadas ao texto e depois um ditado com 20 palavras no intuito de verificar como está a escrita da aluna.
- **Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (TCLPP):** Tem por objetivo analisar três estágios distintos na alfabetização, o primeiro sendo o estágio logográfico, o segundo alfabético e o terceiro ortográfico. Com esse instrumento pode-se analisar as possíveis dificuldades e o período aquisitivo em relação a tais competências, sempre evidenciando a idade e série da criança. (SEABRA;CAPOVILLA, 2010).
- **Atividades interventivas:** No trabalho relacionado a escrita correta, foi desenvolvida uma atividade referente ao emprego das regras ortográficas, como S, SS, C, Ç, Z, X, CH, R, RR, G e J. No atendimento foram demonstradas as regras e os exemplos que as representam, em seguida realiza-se uma atividade de fixação para as mesmas, com o objetivo de demonstrar as regras ortográficas que embasam a escrita correta das palavras.
- **Diário de bordo:** Consiste em um caderno onde são realizadas anotações das sessões, como os registros, reflexões, acertos e erros ocorridos em todo o processo.

3.4 Procedimento:

O estudo foi iniciado no Centro de Atendimento Psicopedagógico da Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa/PB, mediado pela disciplina Estágio Supervisionado III do Curso de Psicopedagogia. Uma vez concordando com o estudo o responsável assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pelas Resoluções n. 466/12 e 510/16 do CNS/MS.

3.5 Análise dos Dados:

Os dados obtidos através da observação do estudo de caso foram analisados de forma qualitativa, buscando compreender quais as contribuições que o psicopedagogo pode oferecer a uma demanda educacional referente ao déficit em escrita, utilizando instrumentos avaliativos e interventivos em um processo contínuo.

A *Anamnese* sendo uma entrevista estruturada para coleta de informações e resgate da história de vida do educando, foi analisada de maneira contínua, pois com o decorrer das sessões mais informações chegam para acrescentar a análise. As informações contidas nesse instrumento possibilitou conhecer. Como também ajudou a compreender determinadas situações que demandaram o déficit.

A entrevista contratual foi apenas um contrato para o responsável indicando o enquadramento dos horários, frequências, etc., que auxiliou um melhor aproveitamento do tempo em que ocorreram o estudo. Podendo assim, ser analisado a partir do cumprimento do mesmo.

A entrevista “o que eu gosto?” foi analisada mediante a observação da realização pela aprendente e no diálogo que foi estabelecido entre pesquisadora e educanda, no intuito de interagir e conhecer mais a realidade da mesma.

O desenho “meu momento especial” pode ser analisado a partir do livro “O Teste do Desenho de Família” (CORMAN, 1979), verificando a influência da expressão através do desenho e relação da vivência da criança com a realidade que a cerca.

A atividade avaliativa foi analisada de acordo com a compreensão textual, leitura e escrita apresentadas pela aprendente, com objetivo de estabelecer um parâmetro entre o esperado e o não atingido pela mesma.

O “Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras” (SEABRA; CAPOVILLA, 2010) foi utilizado para verificar em qual estágio descrito pelo mesmo a criança apresenta uma dificuldade, para que assim, um plano interventivo seja elaborado.

As atividades interventivas relacionadas ao emprego das letras S, SS, C, Ç, Z, X, CH, R, RR, G e J foram analisadas de acordo com o avanço da compreensão e a forma correta de escrever da educanda, visando a contribuição do trabalho interventivo psicopedagógico.

O diário de bordo utilizado trouxe contribuições, pois foi possível resgatar a partir dele muitas informações anotadas durante decorrer das sessões realizadas nesse estudo de caso acerca de todos os instrumentos utilizados e desempenho da criança ao realizá-los.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Com o primeiro instrumento utilizado no atendimento psicopedagógico, a *Anamnese*, que é uma entrevista estruturada com o intuito de coletar informações relevantes da vida do indivíduo em atendimento, desde sua gestação até o momento da realização, como é descrito por Sampaio (2010). Foi possível, a partir dessa entrevista, ter o conhecimento de que a aprendente vive com os pais e um irmão, sete anos mais novo, seu pai com 43 anos, é autônomo, nesse caso, realiza encomendas de sobremesas para restaurantes, e sua mãe com 36 anos é dona de casa. A criança em atendimento tem dez anos e está no 6º Ano do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino, em uma escola localizada no bairro de Mangabeira.

Com esse instrumento foi possível saber que, a busca por atendimento especializado ocorreu após o pai aplicar uma atividade com a menina e perceber a dificuldade. Primeiramente, procurou a professora da escola e foi encaminhado para a unidade de Ensino Superior UNIPÊ e de lá foi encaminhado para a Clínica-Escola da Universidade Federal da Paraíba, o centro de atendimento psicopedagógico em que está sendo atendida desde o período de 2015.1. A demanda realizada a princípio foi de dificuldades de leitura e escrita.

A Entrevista Contratual realizada com o responsável (pai) foi feita de maneira simples, um contrato, estipulando regras para que todo processo ocorresse de forma organizada e confiada a um compromisso de ambas as partes, indicando horários a serem cumpridos, frequência, avisos e as possíveis penalidades ao descumprir esse documento, como orienta Sampaio (2010). Após o momento de explicação, o responsável permaneceu com uma cópia e a profissional com outra.

A atividade realizada com a criança no primeiro encontro substituiu a EOCA que geralmente é utilizada para o primeiro encontro com a criança, a entrevista criada especialmente para este momento é intitulada “O que eu gosto?”, proporcionou no primeiro contato a interação e contribuiu para conhecer melhor a pessoa em atendimento, afim de estabelecer uma boa relação entre aprendente e profissional, tornando possível desenvolver atividades que partem do gosto da aprendente, valorizando assim, seus interesses, capacidades e potencialidades, como cita Nunes e Silveira (2009), construindo uma ponte para realizar um exercício que auxilie a amenização das dificuldades e que agrada a criança para não gerar cansaço e desânimo, ajudando a construir novos conhecimentos, com essa atividade foi possível também observar a leitura e escrita da mesma.

Percebeu-se ao fazer a atividade “o que eu gosto?” a escrita foi baseada na oralidade, escrevendo assim algumas palavras incorretamente, a exemplo da palavra “bagunça” escreveu “bagunsa”, como também omitia letras, “celula” ao invés de “celular”. Zorzi (2003) explica que para as crianças a representação do significado que a palavra apresenta é mais importante do que a própria estrutura da palavra, sem assim formulam hipóteses, construindo suas próprias regras e

estratégias, acreditando estarem lendo e /ou escrevendo da maneira correta. Ao omitir as letras na escrita, Zorzi (2003) ainda explica que, muitas não detectam todas as letras que constituem a palavra ao pronunciá-las e, assim erram na hora de escrevê-las. A interação estabelecida por meio desta atividade tornou-se importante para a realização das próximas, em todo o momento a entrevista foi dialogada.

No mesmo dia desse atendimento foi realizado um desenho que foi nomeado “Meu momento especial”, essa atividade possibilitou conhecer um dos momentos marcantes considerado pela criança e também possibilitou observar a construção textual da mesma, solicitou-se da criança uma explicação do desenho e ao lado do mesmo um pequeno trecho do que ela relatou verbalmente. Segundo Corman (1979) o desenho não possui elementos apenas formais, existe um conteúdo que exprime algo da personalidade total, é capaz de nos revelar a vida afetiva de quem desenha.

Desenhou ela junto com a mãe grávida, explicou que houve um tempo em que seus pais viajaram e que ela ficou na casa da sua avó por seis meses, quando seus pais retornaram ficou feliz, ainda mais porque sua mãe estava grávida. O desenho das duas ficou centrado do lado esquerdo da folha, que pode remeter segundo Corman (1979) mostrando a identificação de um momento do passado, que retomam sua infância. As estruturas do desenho em relação a forma representa a maturidade, a representação dos personagens indica uma relação significativa para a criança, no caso desse desenho a mãe e o irmão. A genitora desenhada pouco maior que a criança representa o lugar de superioridade. Como esse momento representa uma parte feliz de sua vida, ela representou os personagens sorrindo. Relatou o que desenhou, resumiu os fatos de forma coerente e com uma sequência lógica, sempre apresentando detalhes que fizeram diferença, ao escrever o pequeno texto conseguiu expressar de forma mais simples o que explicou ao discursar anteriormente.

Em outro atendimento foi realizada uma atividade avaliativa também criada e pensada para esse momento, com os objetivos de verificar sua leitura, escrita e compreensão textual. Leu-se um texto com algumas palavras incorretas e reconheceu 10 de 11 palavras erradas graficamente, a única em que ela afirmou estar correta sem estar foi “cei - sei”, afirmou que acreditava que era assim que se escrevia, outra palavra que chamou atenção foi “arumar” em que ela escreveu “arruma” omitindo o “r” ao transcrever incorretamente e ao escrevê-la pensando estar correta. Na mesma atividade, em relação aos questionamentos do texto, ela conseguiu responder sem ter que voltar a reler, porém com algumas palavras incorretas, muitas delas escritas com o apoio oral. No ditado de 20 palavras, errou “pássaro”/“passaro”, “sucesso”/“cusexo”, “criança”/“crianca”, “palhaço”/“palhaco”, “receita”/“reseita”, “açúcar”/“açúca”, “paçoca”/“pasoca”, “batizado”/“batisado” (1º escreveu com Z, porém logo após apagou e escreveu com S, “amizade”/“amisadi” e “zelador”/“zelado”).

Assim como descrito anteriormente, o erro faz parte do aprendizado das crianças, ao escrever criam suas próprias hipóteses do que acreditam estar correto. Outra dificuldade que Zorzi

(2003) associa para esse momento é o que se pode perceber ao descrever a realização dessa atividade foram as substituições de letras em razão das várias possibilidades de representações múltiplas, podendo assumir sons diferentes dependendo das estruturas das palavras.

Na sessão seguinte foi realizado o TCLPP, que não foi utilizado em sua especificidade autoral, em sua aplicação na íntegra. Foi um instrumento utilizado para somar na identificação da hipótese observada no processo já ocorrido. Esse teste de acordo com Seabra e Capovilla (2010) tem o objetivo analisar três estágios distintos na alfabetização, o primeiro é o estágio logográfico, o segundo alfabético e o terceiro ortográfico, à partir disso analisa-se as possíveis dificuldades e o período aquisitivo em relação a tais competências, sempre evidenciando a idade e série da criança. A aprendente respondeu de forma rápida, errando apenas as palavras escritas de acordo com a oralidade, pois marcou como sendo correto, o apoio desse instrumento foi analisar e afirmar sua dificuldade em relação a escrita. Após o término foi pedido para ela verificar suas respostas antes de finalizar percebeu que em algumas ela marcou de maneira errada e corrigiu, percebeu-se que em alguns momentos ela marcou desatentamente.

Para as sessões seguintes foram iniciadas as atividades de intervenção, em que a proposta foi de trabalhar com a aprendente a aplicação das regras ortográficas nas estruturas das palavras, regras referentes ao emprego do S, SS, Z, C, Ç, X, CH, R, RR, G e J em que a mesma apresentou dificuldades mais acentuadas. Zorzi (2003) explica que as crianças ao desenvolverem suas próprias hipóteses de acerto, tornam algumas automatizadas ao escrever e para a desconstrução desse mecanismo é necessário disponibilizar para elas outras possibilidades que incitem ao conflito e desconstrução desses mecanismos já automatizados, na hora em que forem escrever não realizem da forma que acreditem ser correto, mas realizem a indagação de qual é a forma correta para aquelas palavras. E o intuito de demonstrar as regras é proporcionar esse conflito ao mostrar o correto e a aplicação dessas letras na estrutura das palavras.

Foram expostas fichas com as regras e fichas com exemplos, no primeiro momento ocorria a explicação das fichas com as regras, no segundo pedia-se que a criança falasse qual a ficha com exemplo que representava a regra e o motivo. A partir disso foi montado um caderno com as regras e os exemplos de cada um. Nas regras relacionadas ao emprego do S, percebeu-se uma dificuldade maior em compreender as regras relacionadas aos verbos, foi necessário também recordar o significado de verbo, conjugação, derivação, lembrou e respondeu apenas o que significa substantivo. As regras relacionadas ao emprego do “Z” nas palavras, a criança conseguiu fazer associação de como escreveria e a maneira correta e também de acordo com as regras do “S” e suas diferenças, realizamos o mesmo procedimento das regras do “S” com o processo de apresentação e, assim, com as demais regras gramaticais.

Outro instrumento utilizado no período de atendimento foi o Diário de Bordo auxiliando registros de anotações, reflexões e as possibilidades de todo o processo dos atendimentos psicopedagógicos deste estudo de caso que, posteriormente, auxiliou na descrição destas informações em relatório e nesse trabalho de uma forma mais detalhada. Esse instrumento é importante para o profissional psicopedagogo, pois ajuda a recordar todos os aspectos relacionado as sessões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desse trabalho foi investigar quais contribuições o psicopedagogo poderá oferecer no tocante ao déficit de escrita, através da análise relacionada às observações feitas, avaliações aplicadas e intervenções realizadas com uma criança do sexo feminino, com dez anos, cursando o 6º ano do Ensino Fundamental da rede pública, traçados durante todo o percurso dos atendimentos psicopedagógicos do estágio clínico na Universidade Federal da Paraíba.

Após a construção do corpo teórico desse trabalho foi possível compreender a relação do desenvolvimento da leitura e escrita e as dificuldades evidenciadas por crianças e adolescentes no período escolar, principalmente das crianças na iniciação da alfabetização. Contribuindo para a reflexão e entendimento do caso descrito nesse estudo, pois foi possível observar as dificuldades trazidas pela educanda na obra de Zorzi (2003), auxiliando a construção das intervenções a partir das observações realizadas dos resultados de avaliações aplicadas com ela.

Durante esse processo foi possível observar três dificuldades/erros apresentadas pela criança de acordo com a obra de Zorzi (2003) já descritas acima, são: os erros por representações múltiplas, os erros com o apoio na oralidade e as omissões de letras.

Para ajudá-la a superar os erros por representações múltiplas, que trata de um fonema poder assumir diferentes sons dependendo da estrutura das palavras, foi utilizado o trabalho com o emprego das regras ortográficas das letras S, SS, Z, X, CH, C, Ç, R, RR, G e J, que tem como objetivo quebrar a automatização que já estabeleceu da construção das suas próprias hipóteses e regras possibilitando condições para que possa compreender outra forma de escrever e indagar as possibilidades de escrita sem escrever de forma automatizada o que ela considera correto. Com essa atividade foi possível também intervir no erro com o apoio da oralidade, pois ela percebeu que a escrita não está intimamente ligada à pronúncia, reconhecendo os padrões visuais e cedendo aos padrões da oralidade.

Em relação às omissões de letras em que a educanda por vezes comete apresenta, foi preciso trabalhar nas atividades descritas acima a observação dos fonemas que a palavra possui, como também na hora de ler e escrever em algumas atividades complementares fazer ela refletir sobre sua escrita e corrigi-la quando não conseguiu perceber a omissão. Estimular a leitura e explicar os procedimentos ao responsável foi importante para que a criança evoluísse e amenizasse as dificuldades apresentadas.

Assim pode-se notar que a criança ao longo das sessões conseguiu desenvolver estratégias de estudos para cada dia superar suas dificuldades com o auxílio e as orientações do que foi trabalhado em sala, em relação ao início dos atendimentos desde o período de 2015.2 pode-se notar que a mesma não escreve mais de forma automatizada, ou seja, sem pensar se a palavra está escrita da maneira correta ou não, agora há um conflito, percebe-se que ela busca na memória e até cita as regras antes de escrever, dessa maneira acredita-se que futuramente será automatizada a maneira correta e não precisará mais gerar o conflito na hora da escrita.

Com isso, nota-se que o psicopedagogo em seu trabalho clínico contribui para amenizar o déficit no processo de escrita, quando pautado de uma fundamentação teórica consistente e de um planejamento avaliativo completo que o auxilie a identificar a necessidade apresentada pelo sujeito e a elaboração de intervenções cabíveis para amenização das dificuldades. Como também em todo o processo observar os avanços e retrocessos para que ele possa refletir e melhorar sua atuação de acordo com cada caso.

Por fim, pode-se notar que a principal limitação para o desenvolvimento desse trabalho está relacionada ao fator do tempo disponível para a realização dos atendimentos com a criança, ocorrendo em um dia na semana com a duração de uma hora, acredita-se que os resultados seriam mais significativos se as sessões ocorressem duas a três vezes por semana, assim orienta-se que as futuras intervenções ligadas aos déficits de escritas semelhante ao desse estudo disponibilizem de mais tempo.

REFERÊNCIAS

Brasil. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa**. Brasília, 2013. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/Lei/L12801.htm>. Acesso em: 15 de Junho de 2015.

CAPOVILLA, F. C.; SEABRA, A. G. **Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras**. São Paulo: Memnon, 2010.

CORMAN, L. **O teste do desenho de família**. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

COSTA, A. A. **Perspectiva psicopedagógica de avaliação da ortografia**: ditado balanceado. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2013.

FALABONITO. **A construção de um imaginário linguístico**. Disponível em: <<https://falabonito.wordpress.com/2006/09/15/regras-sobre-o-uso-de-c-s-ss-z-x/>>. Acesso em: 20 de março de 2016.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto alegre: ARTMED, 1999.

GOMES, M. F.; SENA, M. G. C. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NUNES, A. I.; SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem**: processos, teorias e contextos. Brasília: Liber Livro, 2009.

SAMPAIO, S. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK EDITORA, 2010.

SÁNCHEZ, M.; BONALS, J. **Avaliação psicopedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

SEBRA, A. G.; DIAS, N. M. **Métodos de alfabetização**: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. São Paulo: Revista Psicopedagogia, 2011.

SILVA, A.; MORAIS, A. G.; MELO, K. L. R. **Ortografia na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SÓPORTUGUÊS. **Ortografia**. Disponível em: <www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono16.php>. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

TUDO SOBRE CONCURSOS. **Ortografia.** Disponível em:
 <www.tudosobreconcursos.com/materiais/portugues/ortografia>. Acesso em: 27 de março de 2016.

VOIDGINSKI, V. **Aprendizagem na alfabetização de alunos do 3º ano do ensino fundamental.** Paraná, 2013. Disponível em:
 <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4482/1/MD_EDUMTE_2014_2_82.pdf>. Acesso em: 28 de julho de 2016.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita:** questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

Abstract: The present work it is a case study developed in the psycho-pedagogical Service Center – Clinic/School, located at the Federal University of Paraiba, Campus I, with a female child, 10 years, in the 6th year of elementary school of Public network, which has a deficit in the writing process. The study aims to observe the contribution that the psychoeducation professional offers in the clinical treatment, so bring significant contributions to future work involving similar cases. The research goi developpe in two periods of clinical placements offered by the undergraduate degree in Psychology at this higher education institution, in this work we presente reviews, interventions and observations developed in the calls route to a pupil, as well as the obtained data analysis for each instrument in order to better understand the case.

Key – words: Deficits Writing. Elementary School. Educational. Psychology Clinic. Psychopedagogical Contribution.

ANEXOS A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor, Francinaldo da Silva,

Venho por meio deste documento solicitar sua autorização para a realização de um estudo de caso intitulado "Déficits no processo de alfabetização: uma contribuição psicopedagógica" a ser realizado com a sua filha, Marília Gabriela da Silva, durante os atendimentos no Centro de Atendimento Psicopedagógico, do Curso de Psicopedagogia, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, campus de João Pessoa/Pb. Este estudo tem como objetivo verificar a contribuição psicopedagógica no tocante ao déficit de alfabetização, que será desenvolvido pela aluna Amanda Pereira da Silva, sob a orientação da Prof(a) Drª Geovani Soares de Assis.

Informamos que a pesquisa será desenvolvida conforme as orientações éticas da Res. Nº 466 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas com seres humanos e que os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, no Trabalho De Conclusão de Curso da pesquisadora, como também, informamos que o nome da sua filha será mantido em sigilo e que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a saúde da mesma.

Esclareço ainda que a participação da sua filha no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e /ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não deixar sua filha participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Estarei à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para a menor, Marília Gabriela da Silva, minha filha, participar da pesquisa, como também, autorizo a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Responsável Legal

RG: 000720798 CPF: 60060549199



Amanda Pereira da Silva - Pesquisadora

APÊNDICES A

O QUE
EU
GOSTO?

Entregadora: Amanda Pereira da Silva
Aprendente: Márcia Gabriela
Atividade: Exploração
Data: 23/02/16
Primeiro atendimento
1ª atividade



O QUE EU GOSTO NA ESCOLA?

minhas amigas

O QUE EU MENOS GOSTO NA ESCOLA?

da bagunça (antes escrevia bagunça)



DO QUE EU MAIS GOSTO DE BRINCAR?

jogo (calcular) amarelinha
(antes escrevia calcula)

DO QUE EU MENOS GOSTO DE BRINCAR?

amarelinha



QUAL COMIDA EU MAIS GOSTO?

minha pizza
(antes escrevia comida)

QUAL COMIDA EU MENOS GOSTO?

caracóis (antes escrevia caracóis)



O QUE EU MAIS GOSTO DE ESTUDAR?

cinema

O QUE EU MENOS GOSTO DE ESTUDAR?

escrever



O QUE EU MAIS GOSTO DE FAZER EM CASA?

Jogar com meu irmão

O QUE EU MENOS GOSTO DE FAZER EM CASA?

ficar sem fazer nada



DO QUE EU MAIS GOSTO NO ATENDIMENTO?

jogos

DO QUE EU MENOS GOSTO NO ATENDIMENTO?

nada



momento especial

Quando eu moro
fui a minha mãe
depois de eu passar
o tempo longe dela.
e ela estava grávida.

APÊNDICES B

João Pessoa, 01 de Maio de 2022.

Quinta-feira

O papai está tentando de novo o negócio da dieta, o que é uma má notícia pra mim. Há uns três dias ele não come nenhum xocolate e está MUITO rabugento.

Noutro dia, depois que o papai me acordou e disse para me arrumar para a escola, acidentalmente caí no sono de novo. Acredite, eça é a última vez que cometo ESSE erro.



O problema é que o papai sempre me acordava antes de a mamãe terminar o banho, então eu caí que tenho uns dois minutos de lambuja para sair de vez da cama.

"Diário de um banana - Jeff Kinney"

1) Identifique no texto AS PALAVRAS ESCRITAS incorretamente e AS ESCRVA NA 1ª COLUNA ABAIXO, em seguida, ESCRVA DA FORMA CORRETA NA 2ª COLUNA:

1ª COLUNA	2ª COLUNA
tentando	tentando
negocio	negocio
noticia	noticia
xocolate	chocolate
arruma	arruma
escola	escola
se	se
sempre	sempre
du	du
vez	vez

2) Responda:

a) QUAL É A MÁ NOTÍCIA QUE O MENINO FALA NO TEXTO?

Que pai dele não come chocolate porque está muito rabugento.

b) Há uns 3 dias o que o pai do menino está sem comer? chocolate

c) O pai do menino sempre o acordava para ele ir onde? a arruma para a escola.


d) Quem sempre está no banho antes do menino? sua mãe.

3) Ditado:

- | | |
|-------------|-------------|
| 1- variação | 11- palhaco |
| 2- passeio | 12- cinema |
| 3- passeio | 13- novela |
| 4- lanche | 14- revista |
| 5- rosa | 15- água |
| 6- ovo | 16- pimenta |
| 7- gasolina | 17- balcão |
| 8- música | 18- amigado |
| 9- omeia | 19- gelado |
| 10- erro | 20- fibra |

APÊNDICES C

João Roberto, 15 de Março de 2016



2. Usamos **S** em palavras derivadas de verbos terminados em **ERTER** ou **ERTIR**

Inverter = inversão
Converter = conversão
Divergir = diversão

6. Usamos **S** na conjugação dos verbos **PÔR**, **QUERER**, **USAR**.

Ele pôs
Ele quis
Ele usou

Exceção: gozo

8. Usamos **S** em palavras terminadas em **OSO** e **OSA**.

Horrorosa
Gostoso

7. Usamos **S** em palavras terminadas em **ASE**, **ESE**, **ISE**, **OSE**.

Exceções: deslize e gaze

Frase
Tese
Crise
Osmose

1. Usamos **S** em palavras derivadas de verbos terminados em **NDER** ou **NDIR**

Pretender = pretensão
compreender = compreensão
fundir = fusão
confundir = confusão

5. Usamos **S** em palavras derivadas de verbos terminados em **CORRER** ou **PELIR**.

Concorrer = concurso
Discorrer = discurso
Expelir = expulso, expulsão

4. Usamos **S** em palavras terminadas em **ISA**, substantivos femininos; No sufixo **ESA**.

Exceção: Juíza escreve-se com z, por ser o feminino de juiz, que também se escreve com z.

Heloísa
Poetisa
Profetisa
Pesadela
Pesado

3. Usamos **S** após
ditongo quando houver
som de Z:

Creusa
Coisa
Malsena

Data: 22/03/96 João Pessoa

10. Usamos **S** em
DIMINUTIVOS de palavras
com S no radical

Casa = casinha
Lápis = lapisinho
Português =
portuguesinho

13. Atenção!

Segundo as regras do português, o S
só apresenta som Z quando se
encontra entre duas vogais. Existem,
contudo, algumas exceções, ou seja,
palavras que não se encaixam nessa
regra, com o S apresentando som Z
entre uma vogal e a consoante
nasalada N.

Intransitivo
Transição

12. Usamos **S**
geralmente entre
vogais e o s possui som
de Z.

Tesouro
Besouro
Casa

9. Usamos **S** em verbos
terminados em ISAR,
derivados de palavras
escritas com S no radical

Aviso = avisar
Improviso = improvisar
Liso = alisar

11. Usamos **S** em palavras
iniciadas por vogais,
formadas por derivação
prefixal do prefixo DES

Desengonçar
Desimpedir
Desunir

